
Sátira,
humor e
filosofia
barata: um
pouquinho
de cada.

Herculano Alencar

Aqui é onde a seriedade ri da
própria cara no espelho.

O Freud tupiniquim

Cabra macho, muié fêmea,
ou gente que é maomé;
cada um tem o seu cacho,
tem a sua alma Gêmea;
seu tesão, seu cafuné.

Freud explica, Freud anota,
no conforto do divã:
Não é o tamanho da bica,
nem a fundura da grotá,
que aparta o sapo da rã.

É o machismo, o preconceito,
atraso medieval,
que atira no abismo,
e apodrece no peito,
a noção do ser igual.

Muié macho, home fêmea,
Seja lá o que Deus quisé.
Com certeza ainda acho,
que a minha alma gêmea
tem que ser uma muié.

Santa Cruz

Relâmpagos, trovões... naquele dia
o mundo parecia desabar!
Como se de repente o céu e o mar
tentassem expressar o que eu sentia.

Meu coração (jazigo da poesia)
chorão por natureza; entretanto,
se demorou a derramar o pranto,
que no meu peito, em lágrimas, caía.

Final de tarde, o Ângelus descia...
Eu enxuguei o pranto de Maria
na flâmula erguida por Jesus.

Maria e Jesus, dois bons amigos,
naquele dia estavam lá, comigo,
a celebrar um gol do Santa Cruz.

Sátira capitalista

Era uma vez um homem muito pobre,
que nasceu pobre e pobre foi amado.
Tinha um vizinho rico, ao seu lado,
que era um homem rico e muito nobre.

O homem pobre fora condenado
a repartir com outros a pobreza.
O vizinho, num ato de nobreza,
ficou com uma parte do legado.

Ao ter toda pobreza repartida,
coube ao vizinho o prato de comida
que ele houvera dado outro dia.

E assim, o tal vizinho, que era nobre,
empobreceu até morrer de pobre,
enquanto o homem pobre enriquecia.

Bufido de um soneto heroico

Desdenho da didática anserina
que grasna nos anais da academia,
pois tenho ojeriza à hipocrisia,
que à toga majestosa contamina.

Faço do erro a crassa poesia
que soletra, no imo do meu peito,
o bê a bá de um verso imperfeito,
que há de ser poema algum dia.

Erro, pra fazer jus a um direito
que incomoda a tola burguesia:
as mentes bem dotadas e vazias,
que cospem vocativos no sujeito.

Erro, pra insultar o preconceito
que a farsa da moral reverencia.

Literômano

Sou um soldado raso da palavra
na guerra entre a arte e o ofício.
Cultivo a poesia, como vício,
nos versos que a dor às vezes lavra.

Pseudoliterato de hospício,
escrevo, por instinto e vocação,
aquilo que me vem ao coração,
ainda que não venha de início.

Poeta, sim! Aceito este suplício.
E se algum dia eu largar o vício,
decerto morrerei de abstenção.

De vez que a poesia (este pileque)
vai bagunçar meu peito, qual moleque
a explodir bolinhas de sabão.

Satírico egocentrismo

Dono de um brilhantismo comovente,
eu sou um nascedouro de cultura.
Como pra música, a partitura,
eu sou, pra Humanidade, um regente.

Tenho talento com tanta fartura
a transbordar na alma e na mente,
que não me basta ser inteligente:
Eu sou a perfeição da criatura.

Não me turve a magnificência,
com seus repentes de estupidez
a me rogar, a me pedir clemência.

Desprezo-lhes a torpe pequenez.
Mas bem fundo, lá na minha essência,
invejo a humildade de vocês.

Um novo despertar

Caíram-lhe as nalgas e os seios,
a tez tornou-se quase uma pelanca,
a cabeleira loura ficou branca
à espera do amanhã que nunca veio.

Sessenta anos, quase cinco alheios
à voz dos seus instintos hormonais.
Há tempo não beijava e, muito mais,
não mais se entregava a devaneios.

Hoje acordou na frente do espelho
e sua imagem deu-lhe um conselho
que finalmente teve de seguir:

— Mulher ergue teus seios decaídos
e tira do armário um gemido:
aquele que cansaste de ouvir.

Escatologia da paixão

Abre-se, feito porta de curral,
à fila de varões necessitados
dos beijos genitais alucinados,
às barbas do prazer transvaginal!

E nua, a mendigar o amor carnal,
inunda-se de muco na espera,
enquanto o falo ereto dilacera
um broto de botão hemorroidal.

E vai, e vem, e volta novamente,
e escarra a gosma, líquida e quente,
nas circunvoluções intestinais.

E quando, finalmente saciada,
devolve a paixão ejaculada,
como se fosse cíbalos fecais.

Presente de aniversário

A Rosa, que é rosa de Ipanema.
Que pena, ela tem Pena no seu nome.
Esconde tanto amor não sei aonde.
Responde onde houver um só poema.

A Rosa para mim virou um dilema.
Amena... me acena com um sorriso.
Que viço! Já me faz sentir noviço,
por isso que eu amo Rosa Pena.

A Rosa para mim virou mania.
De dia, alivia o meu cansaço.
Enlaço se me acho nos seus braços
e caço seu amor por companhia.

Pra Rosa que é prosa e poesia:
Bom dia!... um soneto e um abraço!

Sátira a um ateu Temente

Temente a qualquer religião,
eu sou ateu com "a" de agnosia.
Pois "sei que nada sei", como diria
o mestre idolatrado por Platão.

Ao velho Rui Barbosa dou razão,
portanto o plagio aqui, de novo:
a suma ignorância de um povo
se mede pelo o andor da procissão.

Se deus (aqui pra nós) me desse ouvido,
decerto já teria aprendido
a duvidar de si, tal como eu.

Mas como é um ser onipotente
é muito mais provável que ele tente
fazer-me desistir de ser ateu.

Juízo de louco

Havia um louco que era meu amigo!
Qual um mendigo tinha o seu papel!
Vivia em um barraco de aluguel,
ao léu, com um brinquedo muito antigo.

Um dia desses, este meu amigo
brigou comigo sem motivo algum.
Seu bafo rescendia feito rum
e tinha uma rolha no umbigo.

Ele cuspiu, ficou de mal comigo,
sem um motivo e sem explicação.
Jogou-me pedra, fez-me ir ao chão,
como se fosse mais que um inimigo.

Ainda hoje tento e não consigo
achar que ele não tinha razão.

O bêbado e o equilibrista

Trançando as pernas rumo ao sol poente,
o bêbado encontra o equilibrista!
—Qual de nós dois será melhor artista?
Indaga o ébrio em tom impertinente.

Não sei senhor! Lhe digo francamente,
que eu jamais andei embriagado.
O bêbado sibila admirado:
—Servido um golinho de aguardente?

Cinco copos mais tarde (o sol já posto)
os dois, embriagados de dar gosto,
seguem, trançando as pernas, rumo à lua.

Cai o equilibrista, esbaforido!
E o bêbado, de pé, nariz erguido...
entoa seus aplausos pela rua.

Soneto hipotético-dedutivo

Há poetas que fazem poesia
pra buscar cativar o seu leitor:
poetizam sentidos, o amor...
a saudade, a paixão, a fantasia...

São poetas que sabem onde pôr
o objeto, o verbo, o sujeito...
e conseguem unir o par perfeito
sem buscar ou pedir nenhum favor.

Há poetas que fazem seus poemas
pra tentar libertá-los das algemas,
que limitam-lhe a arte e a verve.

São poetas medíocres (como eu)
cujos versos são partes de um museu
que ninguém sabe ao certo pra que serve.

Alegoria do paradoxo

Antítese do triste, o carnaval
traz a tristeza mais perto de mim,
como se fosse um pé de alecrim
que nunca sombreou um só quintal.

Meu coração, soturno berimbau,
solfeja monocórdio, até o fim,
como se fosse um tolo arlequim
na dança do arame sobre o pau.

Antítese do triste, o carnaval
faz da tristeza minha apoteose.
Eu ergo mais um brinde à psicose
e, embriagado, morro no final.

Não fosse a poesia imortal,
eu morreria na primeira dose.

Viés democrático

Quanto civismo, quanta honestidade...
impregna a elite brasileira!
Há homens probos a fazer fileira
por todos os balcões da probidade.

Os automóveis, a velocidade...
O malte, o tanino, a cevada...
As mesas privativas na calçada
e os tocos de cigarros da cidade.

O homem probo, sua majestade,
brinda um amanhã a cada dia;
Come discursos, faz filantropia...
e, assim, se diz um homem de verdade.

Quanto civismo a fazer fileira
no malte, no tanino, na cevada!...
E o homem probo, de alma lavada,
constrói toda riqueza que ele queira:

Cigarro pra jogar pelas calçadas;
as mesas das calçadas privativas;
a voz que o homem probo mantém viva,
só pra deixar a outra voz calada.
E o lixo que encabeça a comitiva
de homens que, de probos, não têm nada!

Reacionário

Chamaram minha mãe de prostituta.
Imediatamente eu reagi:
telefonei de cá pro Piauí
e perguntei quem tava na escuta...

—Sou eu! Falou-me a voz que aprendi
a respeitar por toda a minha vida.
A Voz da minha doce Margarida
que nunca teve mais de um colibri.

Parei e meditei por um minuto:
porque será meu Deus que aquele puto
chamou a minha mãe de prostituta?

—Um beijo mãe!... Que cara ordinário!
Não fosse ele um vil reacionário
talvez fosse o tal filho da puta!

Os neófitos da idiotice

Outrora um idiota não pensava,
pois era um verdadeiro idiota!
Hoje, qualquer parvo borra-botas
consegue ser um grande magnata.

O sábio virou tolo de anedota
nas rodas dos encontros sociais!
Quem sabe menos pode muito mais
e tem, na divisão, a maior cota.

Olhai, pois a elite em procissão...
banqueiro e empresário dando as mãos...
em busca da verdade absoluta.

Enquanto o professor e sua escola
recebe dessa elite, como esmola,
o pão que o gigolô empresta à puta.

Desletrado do absurdo

Ando puto da vida co'a gramática!
Não escrevo parágrafos sem erro!
O verbo errar assiste meu enterro
de braços co'a análise sintática.

Restos mortais da vil sintagmática,
na cova sepulcral da língua culta,
cometo aquele erro que insulta
de forma persistente e sistemática:

Eu cuspo no sujeito da oração,
defeco crases sob o travessão
e sigo a digerir ortografia

e ruminar detritos de cultura,
a disfarçar os erros na leitura,
tentando preservar a poesia.

Aos pedantes

Quem vive a ruminar sabedoria
e defecar cultura e erudição.
Quem vive a esputar a pretensão
de ser maior do que a maioria.

Quem vive a dar quinau em Salomão,
em Sócrates, Platão, José, Maria...
Quem vive a exaltar a própria cria
como se fosse a única lição.

Quem vive a ultrajar a poesia
que há numa palavra de carinho...
Quem vive a espalhar pelo caminho
o preconceito, algoz da utopia,

há de amassar o pão de cada dia
com algum verme, até morrer sozinho.

Um espinho no calcanhar da Rosa.

Fascite, fasceíte, não sei não...
bico de papagaio ou de galo...
provocam talagia e outros calos
que doem do calcâneo ao coração.

Sinal da persistente inflamação
da fáscia plantar, bem junto ao osso
que ora velho (um dia já foi moço)
deixou calcificar o esporão.

Calcaneodinia lancinante,
que teima em nos lembrar, a todo instante,
o peso da idade (o verdadeiro)...

Dorzinha miserável de uma figa,
que dói no calcanhar de minha amiga:
vá lancinar no cu de algum coveiro.

Rosanet

Eu vou me separar da internet!
Vou por no lixo todo o ponto com,
passar o meu PC no ultrassom
e regravar o new windows sete.

Eu vou trocar arrouba por Janet
e agá-tê-pê por novo endereço.
Eu vou trocar o fim pelo começo:
forjar do ovo um belo omelete.

Vou ler a Rosa Pena no papel!
Quiçá eu venha a ser papai Noel,
quando deixar o mundo virtual.

Vou percorrer o "mundo, vasto mundo",
atrás de uma rima pra Raimundo
e degustar Drummond em água e sal.

Corrupto, eu!

Vocês, que dão gorjeta pro garçã
antes de começar a cerimônia.
Que compram, sem pudor, sem parcimônia...
um pouco mais da sua atenção.

Vocês que não costumam ter vergonha
de invocar seu "santo nome" em vão,
à espera indecorosa do perdã
que há de vir no bico cegonha.

Vocês que furam filas todos os dias,
que burlam os sinais das rodovias
e ainda assim reclamam por justiça.

São tão corrutos, como, tanto e quanto,
aqueles que se vestem feito santo
pra barganhar no céu depois da missa.

Flagrante de um happy hour

Traído por um rastro de fumaça,
meus olhos põem a luz sobre um cinzeiro!
A moça dá o trago derradeiro
e ri, para garçã, meio sem graça.

O toco de cigarro ameaça
queimar o que me vem no pensamento,
enquanto a moça faz um movimento,
que joga meu olhar sobre a vidraça.

Meu coração servil de ex-fumante,
à beira de um infarto fulminante,
tossiu dentro do peito um som bizarro.

E quando a timidez encheu-me taça,
a moça me sorriu com tanta graça,
que me senti um toco de cigarro.

Um poeminha besta

E lá está o ponto na vidraça
à sombra de um silêncio sepulcral,
como se fosse a mesma pá de cal
que sinaliza o leito da desgraça.

Ao lado desse ponto há uma traça
parada na metade do caminho,
pra não deixar o ponto tão sozinho,
ou simplesmente por pura pirraça.

Enquanto o ponto fica e a noite passa
eu tomo mais um gole de cachaça
e ponho um verso a mais à luz do dia.

E quando a embriaguez enterra o sono,
a traça faz do ponto um cão sem dono
e eu transformo o ponto em poesia.

Sátira mediúnica

Quando morri, na reencarnação,
reencarnei no corpo de um vate:
um poetastro de menor quilate,
antítese fiel da perfeição.

Medíocre, de verve e coração;
de cérebro pequeno, sem talento...
vivi a ruminar, no pensamento,
versos mambembes, fracos, sem paixão.

Quando morri de novo, outra vez
reencarnei a torpe pequenez
herdada da primeira encarnação.

Ora, que resolvi burlar a morte,
até que enfim achei um verso forte
pra segurar na alça do caixão.

Gripe

Hoje estou enfermo e de pijama!
O frio, a zombar da minha tosse,
tratou-me qual palhaço e tomou posse
do mau humor que deita em minha cama.

Uma aspirina! Minha dor reclama.
O ar teima em brincar no meu pulmão!
Quiçá uma cachaça com limão
há de manter acesa a velha chama!

A gripe, minha nova companheira,
sufoca-me de beijo e catarro
e ri da minha tosse, e tira sarro
da febre e da coriza costumeira.

Não fosse a mão gentil a enfermeira
até o meu tesão ia pro barro.

Uma formiga no meu café da manhã

Corre de lá pra cá, daqui pra lá,
por sobre a mesa posta do café.
E eu, a imaginar como é que é,
que ela sabe ao certo onde está.

Passeia sobre o dorso do meu pé,
escala minha perna, qual montanha.
E eu, a imaginar igual façanha,
vejo a montanha ir a Maomé.

E para não perder a poesia,
me pus a imaginar como seria
se o ser humano fosse uma formiga.

Mas como não cheguei à conclusão,
parei para escutar meu coração
e ainda hoje espero que ele diga.

Vidinha medíocre a minha!

Do meu primeiro amor não guardo nada:
sequer um beijo esnobe de cinema,
ou um verso qualquer dalgum poema
que fale da eterna namorada.

O meu primeiro amor era uma fada,
daquelas de varinha e tudo mais!
Com seus poderes sobrenaturais,
deixou-me a lembrança esfumaçada.

Que vidinha medíocre a minha!
Vivo do tilintar de uma varinha,
qual onomatopeia de telim.

Ainda bem, meu deus, ainda bem,
que, ao comemorar ano que vem,
sepulto esse amor dentro de mim.

Insônia

Drosófila de voo traiçoeiro,
que zumbe dia e noite em meu ouvido,
como se fosse a flecha do cupido
a procurar seu alvo rotineiro.

Ó díptero que sente, pelo cheiro,
o último suspiro da paixão,
que tem, da morte, a trágica visão,
antes de ser entregue ao coveiro.

Ó musa da paixão mendeliana,
modelo da genética humana,
que reina na ciência, absoluta...

Eu rogo, pela paz da tua asa,
que voes para longe desta casa
e deixe-me dormir, filha da puta!

Alice maravilha

Mulher ferosa era Ana Alice!
Foi ela mesma que um dia disse,
que era a Vênus do mundo moderno.

Que era uma bruxa pecadora,
que abandonou o céu numa vassoura
para flambar tesão no fogo eterno.

Abria-se qual rosa no desejo,
deixava o ventre a mercê do beijo
de qualquer uma boca sequiosa...

Era Alice, sócia da libido
que escondia sob seu vestido
a caixa de segredos cor-de-rosa.

Clone

Eis-me! Eu sou um clone de poeta
expresso por um gene mutilado!
Uma versão moderna do pecado,
ainda que não seja a mais completa.

Sou um DNA sintetizado
pelo laboratório da desgraça.
Mutante, sem valor, da nova raça
de velhos parasitas do passado.

Eu sou um clone, sim, apenas isso!
Pedaço de um poeta submisso
à face, em grafite, do carbono.

E por não ter eu mesmo identidade,
agarro-me ao desprezo e a piedade
tentando não morrer no abandono.

Carta para Fernando Cunha Lima

Fernando, meu caríssimo amigo,
daqui do Miradouro, aquele bar
que um dia sentamos pra brindar
o pulsar fraternal de um novo umbigo,

escrevo-te esta carta, enquanto brigo
com um prato de frango à passarinho,
quando o chope desfaz o colarinho
muito mais devagar do que consigo.

A razão principal desta missiva
é acender a chama e deixar viva
a lembrança feliz daquele dia.

Além disso, me sirvo do momento
pra cobrar do garçom os dez por cento
que deixei de pagar à poesia.

Depois do expediente.

Sentado no boteco da esquina,
ao som de um cantor desafinado,
projeto o cansaço do meu fado
na luz dos olhos negros da menina

Minha paixão, silente bailarina,
ensaia o balé de fim de tarde
com passos displicentes, sem alarde,
qual solidão de fundo de piscina.

O chope, a desmanchar o colarinho,
implora à minha boca o carinho
das noites calorosas de verão.

Enquanto eu, poeta vagabundo,
hesito, frente ao copo, um segundo
e entrego meu cansaço pro garção.

Plagiador

Não há no mundo alguém sem mais valor
do que um salafrário contumaz.
Aquele sem-vergonha que é capaz
de corromper o ódio e o amor.

Aquele que não fez e diz que faz
e cobra o que não fez, como um favor.
Aquele espécie torpe de ator
que sempre representa algo a mais.

Não há no mundo alguém que viva em paz
nas mãos de um salafrário contumaz,
que pousa de poeta: um literato...

Aquele cafajeste que é capaz
de adular o que o outro faz
pra realçar a pose no retrato.

Trote poético

Trim!Trim!... assim gemeu o telefone!
Do outro lado ouvi alguém sem nome
a gaguejar um tímido bom dia.
—Alô! Eu disse, enquanto a voz sorria

em tom de querubim apaixonado.
E, por saber ouvir, ouvi calado
até o que não pude escutar.
Ouvi, como se ouvisse Johann Bach

a ensaiar, ao som de um soneto,
as notas musicais de um minueto
nas cordas de uma bela sinfonia.

—Alô! Alô!... caiu a ligação!
Ainda hoje busco explicação
pro trote que passou-me a poesia.

Amor esculachado

Ontem mandei às favas meu requinte!
Troquei Bordeaux por Sangre de Boá
e fui ao botequim de inhá Sinhá,
bebi e vomitei por mais de vinte.

E quando acordei (dia seguinte)
estava de cueca e havaiana.
No rádio, uma música mundana
dessas que são pedidas por ouvinte.

Então eu descobri que sou poeta!
Eu amo às claras, amo à encoberta...
com todo o amor que há em mim:

Amor de um cachorro vira-lata,
que late, abana o rabo, me maltrata...
mas vai lambe-me o peito até fim.

O pior surdo é o que não sabe ouvir

—Quem vai querer! Quem vai querer comprar!
Liquidação, produtos Tabajaras!
Vendemos do banal a coisas raras,
sem garantia de funcionar.

—Damos de brinde almoço e jantar:
filé miau de Jegue mal passado;
quiba de bode, que não foi capado,
e está no ponto de ejacular!

O mundo ri, e chora, e resmunga...
a vida e a morte de Bussunda,
por que de fato ele morreu de rir.

Como ele disse: "Um viado é surdo".
Os muitos que inda acham absurdo,
decerto aprenderam a ouvir.

Deu bode na filosofia

Enquanto o bode berra na montanha,
gado bovino pasta na planície,
a porcaria traz pra superfície
a fez que a elite faz barganha.

Quanto mais fede, mais o homem ganha
e mais aumenta a banha no curral;
o lucro remunera o capital
a cada gado transformado em banha.

Enquanto a bicharada se acanha
e o bicho homem reina soberano,
e mata, e come mais a cada ano,
o bode berra na mesma montanha.

Quem sabe deus arquitetou um plano
e o homem venha a fornecer a banha.

O poeta e o fausto

—Quanto custou o riso disfarçado
daquela rapariga enamorada?

—Custou-me só um beijo, quase nada,
pra homem, como eu, aquinhoado!

—Mas eu o vi beijá-la no passado
por rios de dinheiro em cachoeira.

—Não diga isso, homem! Que besteira!
Seu beijo nunca foi remunerado.

—Não sei, meu camarada! Eu desconfio
que o seu bolso deve estar vazio,
como vazio está seu coração.

—Deixa-me em paz poeta, por favor!
Bem sabes que na banca do amor
uma fortuna é menos que um tostão.

O bom ateu

Eu sou um bom ateu, meu bom cristão!
Respeito a mensagem que há na cruz.
Não falo, nem desdenho, de Jesus,
mas tenho ojeriza à procissão.

Eu fiz minha primeira comunhão
por força do costume e da cultura.
Se entendia tudo, àquela altura,
não sei dizer que sim ou dizer não.

Eu aprendi, por pura intuição,
a duvidar do padre, do sermão,
da confissão, da sé, do sacramento...

Hoje, que sou ateu de coração,
eu peço a deus que tenha compaixão
e não me cobre o nono mandamento.

Exéquias satíricas de um ateu

Cético: foi um ateu de nascimento!
Nunca orou pra deus, o criador;
nunca falou em nome do Senhor
e nunca obedeceu a um mandamento.

Quando morreu, no seu falecimento,
a morte, essa ilustre convidada,
desfilou com ele na calçada,
vestindo seu mais novo lançamento.

E riram-se dos padres, dos rabinos...
e da eclesial hierarquia.
Entretiveram-se na zombaria
como se ambos fossem dois meninos.

E quando, finalmente, inda sorrindo,
negou-se acreditar que faleceu,
ouviu, a muito custo, a voz de deus
dando-lhe as boas graças do divino.

Ao encontrar no céu outros ateus,
fundou o ateísmo celestino.

Súplica de um eleitor cético

Quiçá alguma torre de babel
venha ungir os louros da vitória
e escrever a pávida história
da guerra entre a terra e o céu!

Quiçá há de erguer-se um troféu
em honra à mentira, à injustiça...
aos pés da pobre gente submissa
que cumpre humildemente seu papel!

Ó Deus, que é do pobre e do rico,
conceda-me, Senhor, eu te suplico,
o verbo que perdeu-se do sermão.

Em troca ofereço este soneto
àquele que por ti for o eleito
para gerir as sobras da nação.

Autoanálise

Eu tenho um cachorro meu amigo,
que é muito mais cachorro do que gente.
É um cachorro que fala o que sente
e fala muito mais do que consigo.

É um cachorro velho e tão antigo,
que vive a correr atrás do rabo.
E de, tão manso, até parece bravo
e, de tão bravo, virou meu amigo.

O meu cachorro é tão cognitivo,
que resolveu se desfazer de mim.
Meu deus do céu como ele é ruim!
Consegue ser pior do que consigo.

Eu tenho um cachorro, meu amigo,
que late... e que late feito gente.
O meu cachorro é tão inteligente,
que ora fez de mim um inimigo.

Eu tenho um cachorro e não consigo
ouvir o seu latido como um cão.
O meu cachorro é a contradição
entre o que eu faço e o que digo.

Mas sendo ele um cachorro antigo
abana o rabo e me dá razão.

Neófito da boçalidade

Sou um boçal a instigar cultura
na culta boçalidade dominante.
Um pigmeu no meio de gigantes,
que a eles se iguala em estatura.

Professo, com vileza, a impostura
que os covardes negam com veemência.
Me dói cada vestígio de decência
que outrora animava a criatura.

De destilar meu ódio ruminal
no coração daqueles que se omitem,
eu vivo a dar razão pra que vomitem
as dejeções premidas da moral.

De todos antropoides, sou o tal
que mata por matar, sem serventia...
Espécie dominante hoje em dia,
que a cada dia fica mais boçal.

Eu sou, do Pai, um traço de miopia
que enxerga pela ótica do mal.

Poeta penitente

Quando a morte se for para o inferno,
eu fugirei, pois sei um bom caminho.
Vou bater asas, qual um passarinho,
nos ares abissais do fogo eterno...

No purgatório -o quintal vizinho-
eu fingirei que sou um querubim.
De novo, bato asas... e assim...
eu chegarei ao céu azul-marinho.

E lá chegando, deus -santo caudilho-
há de reconhecer-me como um filho
que regressou do mundo ao lar paterno.

Ele ouvirá, silente, a minha história!
E os santos, em menção à sua glória,
Me levarão, às pressas, pro inferno.

Pudibundaria

Se falo do amor como se espera:
um bem angelical, quase utopia,
mil corações se rendem à poesia
e curvo-me às palmas mais sinceras.

Se falo do luar, da primavera...
das flores, dos amores infinitos...
ouço dizer: que versos mais bonitos!
Quisera tê-los feito, quem me dera!

Mas quando faço um verso depravado,
que fala do amor sem preconceito,
que entrega-se, a torto e a direito,
sem medo, à desonra e aos pecados.

Mil corações reclamam em seus peitos
e curvo-me aos apupos dos honrados.

Cachaça fêmea

Pra se forjar da cana a cachaça
precisa ter-se mais que o alambique.
Tem que se ter alguém com quem se fique
a destilar o riso e achar graça.

Alguém que esteja atento ao que se passa,
enquanto se destila a pinga pura.
E muito além, após ficar madura,
amar desde a garrafa até taça.

Cachaça, moça nova, velha sanha,
que banha, de perfume, a mulher,
que quanto mais se bebe mais se apanha,

pois faz da nossa vida o que quiser.
Quem bebe da cachaça sente a manha
e vive a vida como diabo quer.

Um cacofonista cacofônico

Nunca gostei de ela ter-me tido
sem me deixar beijar a boca dela.
Fazer amor sem beijo -como ela-
é como vomitar sem ter bebido.

Não sei se o mofo deu-lhe na libido
ou se eu não desperto seu tesão.
O fato é que, de fato, não sei não...
meu beijo nunca foi correspondido.

Se quero estar com ela à luz do dia,
me diz que só caminha em noite escura
à sombra dos olhares de censura...
Não fosse assim, jamais caminharia.

Pois só caminha se estiver segura
de que pra mim só uma puta ria.

Elefantoide

Eu sou um paquiderme elegante,
com tromba, com memória e tudo mais.
Vivo a bramir meus gritos naturais
seguindo o meu instinto de elefante.

Cérebro curto, corpo de gigante...
misto de pele e massa muscular;
olhos pequenos feitos para olhar
e ver o óbvio triste e ululante.

De fato eu cresci um elefante!
E meu cardiologista me garante
que tenho o coração daquela gente

que inda jovem morre de infarto.
Hoje, dorme comigo no meu quarto:
um isordil e um litro de aguardente.

Socialista burguês

Tomé, socialista de renome,
consome muito mais que seu vizinho:
uísque importado, um bom vinho...
e ovas de esturjão quando tem fome.

A casa de Tomé microfone,
aquecedor central, hidromassagem;
ostenta cinco carros na garagem,
e vários serviços sem sobrenome.

Tomé faz um discurso comovente
pela defesa firme dessa gente
que vive nos umbrais da exclusão:

—Há de raiar um sol imaginário:
vermelho, reluzente, doutrinário,
por sobre as nuvens turvas da nação...

Tomé não investiu um só tostão
na luta desigual do proletário.

Final de expediente

Cerveja Original no ponto certo!
Um filezinho esperto, quase ao ponto!
Da mesa em que estou vejo o encontro
do abstrato em busca do concreto.

O bar traz a saudade bem mais perto
do copo em que ensaio a saideira.
A moça ao lado ajeita a cabeleira
e dá-me um aceno indiscreto.

O celular avisa-me a hora!
Os meus fantasmas mandam-me embora
e pagam a metade da despesa.

Na mesa ao lado vejo um sorriso
que me faz meditar que o paraíso
tem mesmo tudo a ver com aquela mesa.

Poetastro

Eu sou um negativo de poeta
na polaroide vil da poesia.
A borra espectral da estesia
que torna, a arte pura, abjeta.

Sou quase um aleijão sem serventia,
a coxear nas letras pela vida...
como se andasse sempre de partida
para um lugar qualquer, a qualquer dia.

Eu sou um sonetista sem soneto,
que faz da poesia o cianeto
que há de envenenar a pretensão

de ser mais um poeta, entre tantos,
que vive a poetar todos os prantos
até que um dia entenda a razão.

Saudade, segundo Rosa Pena.

Invista na saudade, companheiro!
Saudade é um grande investimento.
Retorno garantido cem por cento,
ainda que se morra sem dinheiro.

Saudade é como o Rio de Janeiro
ao sol que se escondeu do carnaval:
um samba pendurado no varal
à espera paciente de um pandeiro.

Invista na saudade, companheira!
Saudade é, na ciranda financeira,
o saldo entre a dor e o prazer.

E mesmo sob a luz do esquecimento,
consegue superar o rendimento
dos juros que pagamos pra morrer.

Santa depravada

Uma santa faz uso dos seus dotes:
das curvas, saliências, reentrâncias...
e tudo mais que tenha, em abundância,
por fora ou por dentro dos decotes.

Uma santa exala uma fragrância
que marca sua essência feminina
e leva, do olfato à retina,
todo o pudor deixado na infância.

Uma santa esconde um sorriso
por trás de uma lágrima em pranto:
o riso que o sacro deu pro santo
quando a maçã ruiu no paraíso.

Uma santa põe culpa no castigo
para que faça jus à antiga sina.
A depravada é que nos ensina
usar a cicatriz do próprio umbigo.

Divagação de um Bobo

Eu sou um bobo, um bobo que se orgulha
de não passar o outro para trás.
Eu sou aquele bobo contumaz,
que nunca põe a bala na agulha.

Eu sou um desses bobos usuais,
que têm a mente e o peito sempre abertos
à gana predadora dos espertos,
que vivem quase sempre a querer mais.

Eu sou aquele bobo consciente,
que dá-se à esperteza de presente,
com doce e pueril ingenuidade.

E por ser bobo, assim, desse meu jeito,
é que posso bater a mão no peito
e rir e esbanjar felicidade.

Conselho vulgar

Prefira a vaia, honesta e verdadeira,
ao aplauso servil e oportunista.
A vaia ensina mais a um artista,
do que faz o aplauso a vida inteira.

Aplauso (sem calor) é um decalco
colado pela mão da hipocrisia
para enganar Narciso, e sua cria,
quando o talento nega-lhe um palco.

Se fores o artista nesse ato,
tens que comer até lamber o prato
e vomitar as sobras da verdade.

Não te importes quão seja azedo,
pois quem não saboreia o degredo
vive a lamber o mel da falsidade.

Hérnia de disco

Qual um pandeiro fora do compasso
a demonstrar solene rebeldia;
uma zabumba em torpe sinfonia
a fazer peso sobre o espinhaço.

Qual um poeta morto de cansaço
a reclamar da dor da poesia;
um verso torto, morto, sem valia...
a mendigar, da rima, um abraço.

Assim é que a hérnia de disco,
que é um pranto imposto pelo cisco
que teima em cutucar a conjuntiva,

vai, fustigando a vértebra, sem dó,
premendo o nervo e apertando o nó
até fazer da dor sua conviva.

Lexicografia escatológica

Bosta: exclamação de desagrado
e também agaricáceo cogumelo,
que cheira e fede e gruda no chinelo
do ser que foi por deus humanizado.

Bosta é a parcela do pecado
da gula, da soberba, da preguiça...
que torna-se cilíndrica e roliça
até ganhar a luz do outro lado.

Bosta é o pensamento organizado,
gerido pelas ondas cerebrais,
que faz o homem ser, dos animais,
o mais inteligente e bem dotado.

Mas bosta mesmo é ver-se defecado
na fossa das colunas sociais.

Um morrer gramatical

Verbo que mata o sujeito oculto
de uma oração subordinada,
tu és um verbo de ação errada,
por quem o advérbio veste luto.

Indicativo, és absoluto;
Defectivo, és conjugação;
Imperativo pra dizer que não
e abundante em qualquer insulto.

Na voz ativa, és contestação;
Na voz passiva, uma mansidão...
mas há reflexão na tua voz!

Verbo que haverei de conjugar
em qualquer tempo, em qualquer lugar,
pra eu, tu, ele, eles, nós e vós.

Rogação de um pecador

Rogo-te deus, ó pai celestial,
que sejas mais humano e menos santo!
É só o que te peço, por enquanto,
até que eu vista a toga funeral.

E pra depois... que leias no jornal
notícias sobre a fome no planeta.
Peço-te, enfim, senhor, que me prometas
vires à terra nesse carnaval.

A coisa está difícil, "pater nosso"!
Ando fazendo muito mais que posso
para cumprir, que seja, um mandamento.

Nunca invoquei teu santo nome em vão!
E se cobiço as fêmeas de adão
é pra perpetuar o teu invento.

Pseudoemancipação

Cigarro, calça jeans, cabelo ao vento...
um copo de cerveja em cada mão,
a Eva tosse e cospe, qual Adão,
enquanto nos impõe seu argumento.

À mesa caipirinha de limão,
cachaça, cuba Libre, e coisa e tal...
engov, sal de fruta, sorrisal,
ao som de cavaquinho e violão.

—Pendura a dolorosa, seu garçõo,
que hoje eu não tenho um tostão
e amanhã é fim de feriado.

E, assim, a feminista de plantão,
desdenha da serpente e de Adão
e torna-se um macho inacabado.

Inimigo eterno

O meu melhor amigo me traiu.
Morreu antes de mim o desgraçado!
Morreu, qual meu vizinho aqui do lado,
da bala desgarrada de um fuzil.

E nem havia guerra no Brasil
e, ainda assim, morreu o infeliz.
E hoje me pergunto o que lhe fiz
para trair-me, assim, de modo vil!

Às vezes eu matuto, cá comigo,
que só um verdadeiro inimigo
é franco, complacente e é eterno.

Eu tenho um inimigo tão fiel,
que rejeitou o seu lugar no céu,
só pra brigar comigo no inferno.

Dentes eróticos

Casal... lua de mel na Argentina!
Ela, uma nubente quase virgem,
sentia-se à beira da vertigem
com mil suores frios na vagina.

Ele, que já tomara a vitamina,
domava, com firmeza, a ansiedade
dos seus quarenta anos de idade,
à espera, como a noiva determina.

Ela pudica deita-se ao seu lado,
reza o padre-nosso do pecado
e crava-lhe o dente tão feroz,

que o quarenta engole a dor silente,
enquanto o sangue rubro da serpente
derrama vitamina nos lençóis.

Mal do século

Um grande homem sabe ser pequeno
na pequenez da vã sabedoria.
Sabe comer o bom e a porcaria,
sabe curtir o mel e o veneno.

Um grande homem sabe ser ameno
no auge do debate ou da luta.
Sabe entender a santa e a puta,
sabe agradar troianos e helenos.

Em nossa era ser um grande homem
é ter um volumoso abdômen
e a bolsa abarrotada de ações.

Se queres, pois ser grande, meu amigo,
afrouxa o cinturão ao pé d'umbigo
e senta-te no trono dos cagões.

Barriga mediana (divido com Rosa Pena)

Mulheres querem homens sem tintura,
sem caspa, sem plastique e preconceito!
Homens discretos, fortes, sem trejeitos...
com algo ereto abaixo da cintura.

Mulheres são sublimes criaturas
que sabem pensar sim e falar não,
que amam com a alma e a razão,
que gostam do calor e da frescura.

Mulheres, como tu, Rosa em botão
que desabrocha o pomo de Adão,
são como a flor que beija fino talo.

E eu, que sou um reles colibri,
como não sei voar perto de ti,
baixo as tristes asas e me calo.

Psicoterapia de boteco

Portas abertas, templo de profanos!
Altar de prateleiras coloridas
por tira-gostos, sonhos e bebidas,
fracassos, ilusões e novos planos.

Fumaça, solidão, causa perdida...
Garçons que servem dores na bandeja,
enquanto o cantor velho solfeja
a música mil vezes repetida.

Concha em que ressona o ostracismo,
a lágrima, o riso e o lirismo
dos sôfregos em busca de motivos.

O boteco é o divã dos deprimidos,
dos fiéis, dos ímpios, dos perdidos
na noite sepulcral dos mortos-vivos.

A um pretenso literato

Jamais hás de rimar amor e dor,
nem falarás de flor, como suposto.
Tu tens o coração do lado oposto
da mão que dá-te o estro de escritor!

Jamais hás de rimar amor e flor,
nem falarás de dor e agonia.
Amor e flor pra ti é heresia
que faz alguém, poeta, se supor.

Hás de viver a eterna hipocrisia
das convenções e das conveniências.
Hás de viver por trás das aparências
das rimas ricas, pobre em poesia.

Mas se um dia, pleno de humildade,
sentires dor por um amor antigo,
tenhas certeza vou estar contigo
para regar-te as flores da vaidade.

Rotinização

Oi, Luíza! Oh! Doce tanajura!
Eu trouxe Herbalife para ti.
O lotação já vai pro Iguatemi.
Capricha no perfume, na pintura...

Joga talco na mancha de gordura,
apaga a vela acesa na cozinha,
larga o lulu na casa da vizinha,
apressa o passo... deixa de frescura.

E lá se foi, roncando, o lotação,
cheirando o gás butano do bujão
da queima do fluido clandestino,

a transportar um fim de casamento;
do infinito amor, do fingimento...
que os dois levaram para o seu destino.

Vítimas do aplauso

Prefiro a vaia, honesta e verdadeira,
ao aplauso servil e oportunista.
A vaia ensina mais a um artista
do que aprenderá a vida inteira.

Sorrisos copiados, qual decalco,
na máscara sutil da hipocrisia
são companheiros vis do dia a dia,
de quem faz do talento um grande palco.

Se eu for o artista desse ato,
hei de comer, até lambar o prato,
para sentir o gosto da verdade.

Não me importa o quão seja azedo,
pois quem não saboreia o degredo
há de lambar o mel da falsidade.

Marido falido

Ao encontrar a esposa já doente,
olhar distante, fúnebre, sem brilho...
de marido tornou-se um empecilho
pra cada um e todos os parentes.

A sogra, velha mãe impertinente,
diz que ele matara a sua filha.
O sogro o sondava a braguilha
atrás de uma pista convincente.

Mesmo o seu cunhado delinquente,
que sempre o chamara de irmão,
chamou-o de assassino e de ladrão:
—"Um animal que veste-se de gente!"

Morreu a bela esposa e, finalmente,
o padre achincalhou-o no sermão.

Pingo no "i"

Foi-se embora! Não disse uma palavra!
Deixou-me uma só folha de papel,
um penico vazio, um aluguel
e uma jovem mosca, quase larva.

Deixou-me, a ruminar minguada parva,
na doce ilusão de um dilema.
E ao chegar ao fim deste poema,
já não havia a mosca nem a larva.

E assim, na mais profunda solidão,
co'a bunda no penico e co'a mão
a contabilizar o que perdi...

cheguei a mais infame conclusão:
a bosta do meu tolo coração
não pôs um pingo certo em cada i.

Caducidade

Minha verve senil, presbiofrênica...
refém, que é, de vil inspiração,
assina, ao rodapé da criação,
uma menção confusa, esquizofrênica...

Poetas, como eu, sem tradução,
tendem a dormir suas fobias
na lírica das mil patogenias
que plange, dentro d'alma, o coração.

Quem lê meus versos pode antever,
junto à rima em riste, o que há de ser
quando a certeza emana do talvez.

Mas se algum esteta pós- moderno
quiser reconstruir o meu inferno,
eu mando a conta inteira pra vocês.

Dependência psíquica

O meu psiquiatra me falou
que sou PMD de carteirinha.
E disse a mesma coisa pra vizinha,
e deu-me o que pra ela receitou.

O meu psiquiatra é professor,
frequenta dez congressos todo ano,
mas continua sempre receitando
um velho comprimido sem sabor.

Chamem um pai de santo, por favor!
Que não aguento mais a terapia.
Ando comendo mais do que devia,
ostento um amarelo furta-cor.

O meu psiquiatra me falou
que sofro de cruel ciclotimia,
e que, possivelmente, qualquer dia
eu não me lembre ao certo mais quem sou.

O meu psiquiatra é um doutor
com pós-graduação em terapia.
Estuda vinte horas todo dia
e foi avaliado com louvor...
Mas peço a Deus do céu, Nosso Senhor,
que mande um pai de santo da Bahia.

Amante viral

Hoje estou em casa, acamado!
O dia, a zombar da minha tosse,
fez-me palhaço, inda tomou posse
de todo humor que trago acumulado.

Uma aspirina dorme ao meu lado
como se fora amante saciada.
Chego a ouvir suspiros e risadas
a cada espirro e cada tosse dada.

A minha gripe é minha namorada,
apaixonada pelo meu escarro!
Quando me beija mais eu me agarro
à crua sensação de beijar nada.

Pudesse eu fumaria mil cigarros,
e assim a mataria intoxicada.

Escatologia de um poeta

Dizem que sou poeta em gestação!
Vivo, sem rumo, feito bosta n'água,
a poluir o rio em que deságua
meus arremedos de inspiração.

Dizem que eu carrego o coração
e o raciocínio de um poeta,
que sofro todas dores mais secretas,
que todos os poetas sofrerão.

Será que esses loucos têm razão!?
Serei mesmo um poeta em gestação!?
Jamais se encontrará uma resposta.

Enquanto isso sigo e vou vivendo,
às custas de um verso dividendo
e sempre produzindo a mesma bosta.

Perdão venal

Vivi a perdoar a vida inteira.
A cada novo dia, um perdão!
Perdão por qualquer coisa ou razão.
Dava perdão até por brincadeira.

Eu perdoava a minha maneira,
com o sorriso triste do perdão
dissimulando nova frustração
como se ela fosse a primeira.

Mas o perdão tem lá as suas manhas.
De tanto perdoar suas façanhas,
passei a inquirir quais as razões.

Hoje já a perdooo sem sorriso.
E antes eu confiro o prejuízo
e o saldo da balança de perdões.

Marta

Dona-de-casa mais do que perfeita,
Marta era um poço de virtude!
Seu marido (um tipo deus me ajude)
barriga na TV, nunca se deita

na cama do casal -que apodrecia.
Bem dotada nos doces, nos salgados...
seus mousses -sempre tão apreciados-
eram sua maior filosofia.

E assim ia vivendo até que um dia
a sorte resolveu bater-lhe à porta.
E veio a viuvez: Barriga morta...
arrotos de marido... não ouvia.

E a vida inundou-se em poesia
nos verso que choveram em sua horta.

Tempos modernos

Falei com Jesus por quinze minutos
em um sinal fechado da Paulista.
Ele falou-me como o motorista
que deu o prego n'algum viaduto:

Que viveria para sempre oculto
no cinza fosco junto à multidão;
Que, repensando o milagre do pão,
fez do brometo o seu novo culto.

Tentei em vão falar de poesia,
mas seu assunto era futebol
e alguma coisa de astronomia.

Deixei-o, lá, parado no farol,
como quem posa pra fotografia:
O seu ray-ban brigando contra o sol.

Mistério do além

Alma emasculada... matéria morta!
Nada de mim sobrou, nem mesmo eu.
Ofereci-me ao diabo e a deus;
nem um nem outro quis abrir-me porta.

Satã deu-me a cerveja que bebeu
e mil mulheres assexuadas...
sem orifícios para dar entrada
ao falo triste que não me tolheu.

E deus, do alto de sua bondade,
ofereceu-me toda castidade
como uma divina recompensa.

Os dois deixaram-me, alma penada,
a masturbar a eterna namorada,
sem descobrir o que um deles pensa.

Literatagem

Jamais hás de rimar amor e dor
nem falarás de flor, como suposto.
És árido e crítico do bom gosto,
com tez de literato: Prescritor!

Jamais hás de rimar amor e flor,
nem falarás de dor e agonia.
Amor e dor é a cacofonia,
que fez alguém, de bela, se supor.

Hás de viver a eterna hipocrisia
das convenções e das conveniências.
Hás de viver apenas de aparências,
castrando rimas de mil poesias.

Mas se um dia, pleno de humildade,
sentires dor por um amor antigo,
tenhas certeza, estarei contigo
regando as flores da tua vaidade.

Ponto singular

Da reta definiu-se um novo ponto,
que fez-se uma reta novamente.
E fez-se uma reta congruente,
que retornou então ao mesmo ponto...

Que fez-se reta, e curva, e fez-se pronto
num ponto equidistante da figura.
E o ponto, agora tonto, a essa altura
mantinha-se na curva, por enquanto.

Não fosse o poeta o contraponto
e o ponto morreria sobre da reta,
como morreu e morre o poeta,
buscando poesia em todo canto.

E foi-se, e fez-se curva e, no entanto,
do ponto definiu-se nova reta.

A Bunda em soneto

A Sua bunda abunda em beleza,
também abunda em carne macia!...
E há de abundar em poesia
com abundância e com delicadeza.

A sua bunda é bunda de princesa
que abunda austeridade de rainha.
Oh! se sua bunda fosse minha,
eu ergueria uma fortaleza

pra resguardá-la de toda cobiça.
Teria assim a bunda submissa
em cada banda e a bunda inteira.

A sua bunda abunda em majestade
com tanta graça e simplicidade,
que assenta poesia na cadeira.

Não há poesia inédita

Ninguém escreve uma poesia
que um poeta já não tenha escrito.
E vamos, copiando o que foi dito,
vivendo a recriar a cada dia.

A cada novo verso que se cria,
plagia-se um verso de alguém.
Um verso que é plágio também,
porque todo talento se plagia.

Ninguém concebe, tudo se copia!
E há uma profunda simetria
entre o poeta e o papel carbono.

Pois o poeta clona a emoção,
clona o DNA da criação,
como se a criação tivesse dono.

Triques troques

Sexta-feira treze santa,
logo fui à santa feira;
comprei feijão de carreira,
duas picanhas com manta...

Minha mulher, uma santa,
abençoou minha feira;
examinou-me a carteira
como se eu fosse anta.

Como era sexta-feira,
pensei: Será que adianta
casar-se com uma santa
e fazer compra na feira,

se a picanha não cheira
e a fome nem era tanta!?

Bola fora!

—Putaquepariu! Gool... é... do Brasil!...
Pega cerveja, Bem! Na geladeeeeira!...
Pega meu copo! Tá na prateleeeeira!...
Pega pãozinho e enche de pernil!...

—E vê se não me enche o saco, Viu!?
Fica quietinha, boca bem calada,
pois (acho) tá pintando a goleada:
tá lá! tá lá!... Brasil! Brasil! Brasil!...

E foi assim... assim... desesperado...
comemorou o gol anunciado
e nem notou que estava ali, sozinho.

Sua amada saiu do impedimento,
ignorou o tal regulamento
e foi pro bate-bolas do vizinho.

Filosofia de bodega

Minha janela era um quadro-negro
onde escrevia meu aprendizado.
Eu era um aluno aplicado,
lia latim mas entendia grego.

Um dia desses acordei mais cedo
e, em segredo, atirei-me dela.
Por muito pouco fiquei sem janela,
mas, finalmente, eu perdi o medo.

Minha janela hoje é um brinquedo
que me ensina o que eu não sabia;
escrevo verso, leio poesia,
e trago a rima na ponta do dedo.

Toda janela guarda um segredo
que todo homem vai saber um dia.

Pasquinagem cibernética

Atrás de uma aventura virtual,
navega na Web o dia inteiro.
Mulher -com seus cinquenta fevereiros-
versada em mentira digital...

Encontra um internauta sorrateiro
na caixa do Outlook, todo dia.
Recebe flores, beijos, poesia...
e arroubas ponto com, tão verdadeiros,

que seu e-mail já perdeu a conta.
Mulher, de apaixonada, ficou tonta
no último download da paixão.

Saiu de casa para um botequim,
perambulou em busca de um Pasquim,
mas não achou a última edição.

Conversa de bom tiquinho

Lá vem o ano novo brasileiro
sem CPMF e sem saúde!
Peço à Rosa Pena que me ajude
a celebrar o próximo Janeiro.

Quem sabe eu me torne o padroeiro
d'algum CIEP morto, junto ao lixo!
Quem sabe possa até jogar no bicho,
na falta de QI e de dinheiro!

E como toda rosa tem seu cheiro
e hoje sinto um cheiro de cachaça.
Peço-lhe amiga que me faça,
como um favor pra esse cachaceiro:

Pague o caldinho de feijão tropeiro,
que o porre e ressaca vêm de graça.

Caixa dois celestial

Quem acredita em deus, a essa altura
há de morrer sem ter a cobertura,
sequer de um seguro funeral.

Porque a morte, justa criatura,
transporta a alma junto da fatura
que cobra o serviço espectral.

Portanto amigo velho, como eu,
que não desconfiou que já morreu,
pega a tua nota promissória:

Passa no caixa dois celestial,
saca o teu pecado original,
que deus outorgará a moratória.

Espermatopoético

Morreram, afogados na privada,
os espermatozoides de um garoto.
Pobres coitados foram pro esgoto
nadando na paixão ejaculada.

A sua fantasia enamorada
foi o carrasco vil da execução.
Precipitou-os, por aquela mão,
no mais profundo abismo da jornada.

Morreram e não sentiram quase nada
do gozo ejaculado na paixão.
Sequer sobrou um só, em um milhão,
morreram como a chuva na calçada!

A mão do vil carrasco, calejada,
revive, vez por outra, a encenação.

Esticando a corda

Morreu Saddam -de morte americana-
como a tampinha de uma coca-cola.
Morreu levando Bush na cachola
como lembrança da vida mundana.

Levou um big-mac na sacola:
A bomba de mais alta explosão.
Segundo ele, pra matar o cão
que fora seu colega de escola.

A morte encontrou Saddam Hussein
deixando W. Bush pra depois.
O inferno era pequeno para os dois,
deus queira o outro vá ano que vem.

Remendado...

Pobre homem é um remendo só!
Pneu furado de borracharia,
que ainda bate, só por teimosia,
sua batida de uma nota só.

Vive na pindaíba de dar dó!
Mas... uma pindaíba diferente:
A pindaíba que dá nó na gente
como se a gente fosse o próprio nó.

Sua mulher trocou-o, faz um ano,
por um amante dez anos mais moço;
chupou-lhe a alma até o caroço,
cuspiu-lhe o coração e o tutano.

E pra sacramentar seu desengano,
vive uma paixão de utopia:
Uma mulher numa fotografia...
e um time que não ganha há dez anos.

Mas, apesar de todos desenganos,
sobeja-se da própria ironia.

Complexo de culpa

—Sua cadela, puta, sem-vergonha!
Gritava o marido tresloucado.
Fora traído, pobre desgraçado!
Daí, sua revolta ser tamanha...

—Mulher vulgar safada e piranha!
Grunhia o pobre diabo indignado.
Pulou da cama meio atordoado
como se cão mordesse-lhe a banha.

Sua mulher, ali, petrificada...
olhar matreiro diz que não foi nada...
sussurra-lhe no ouvido em segredo:

—Dorme querido... já é madrugada...
Dá-me um beijinho cá na tua amada...
Foi só um sonho! Só um pesadelo!

Ingramaticável

Eu nunca fiz as pazes c'oa gramática!
Não sei usar a vírgula... e mais:
também não sei usar tempos verbais;
sou fraco em análise sintática.

Cometo todos erros usuais
de quem escreve fácil e displicente.
E embora admire essa gente
que têm assento junto aos "imortais",

me toca muito mais a poesia
do que a construção gramatical.
E, se por um acaso, escrevo mal,
não deixo de assinar a autoria.

Eu tenho, cá comigo, a teoria
de que errar é verbo impessoal.

Soneto escatológico

Um pensamento morre toda hora
e fede, ainda mais, cada vez mais.
Exala o cheiro forte dos currais,
da bosta que inunda o mundo à fora.

Eu penso como pensam animais:
hienas, rola-bostas, camarões,
poetas e outros tipos de cagões
que vivem a defecar seus ideais.

Pudesse e jamais eu pensaria
com toda a podridão e porcaria
que dormem no meu gueto cerebral.

Mas como sou refém do pensamento,
enterro, junto a fez, o meu talento
no verso que há de abrir meu funeral.

Políticos hodiernos

Rastejam nos esgotos da cidade
como se fossem vermes defecados
por intestinos mal intencionados,
que cagam sem ter dó nem piedade.

Escondem-se por trás da falsidade,
como se fossem máscaras do nada,
ou um catarro posto na calçada,
à espera do bacilo da vaidade.

Rastejam qual baratas e serpentes,
como se merecessem piedade,
mas vivem a cagar cumplicidade
com vermes, bactérias e outros entes.

Escondem-se, com ares inocentes,
como se fossem anjos de candura,
mas, na verdade, são as criaturas
que vão tripudiar a dor da gente.

Políticos são hoje, infelizmente,
a bosta que, de velha, ficou dura!

Tributo a um egocêntrico

Dono de um brilhantismo comovente,
tu és um nascedouro de cultura!
Tu és para uma peça, a partitura
e para a Humanidade, um regente.

Tu tens tantos talentos, com fartura,
a transbordar na alma e na mente,
que não te basta ser inteligente:
Tu és a perfeição da criatura.

Se não te alcanço a magnificência
nos altos de tacanha estupidez:
Eis-me a suplicar tua clemência...

Mas não desprezes minha pequenez!
Pois bem fundo, lá na tua essência,
tu vives de assinar o que outro fez.

Apedrejando a poesia (Filosofia de botequim)

Houvera uma pedra no sapato,
bem onde o sapato tinha sola.
Aquela sola gasta, qual esmola,
que fora uma pedra no sapato.

O seu sapato já perdera a cola,
mas não perdera a pedra que teimava
em fustigar a sola, enquanto andava,
por sobre pedras gastas, como a sola.

Houvera uma pedra no sapato!
A pedra que vivera no caminho,
que o poeta, em busca de carinho,
apedrejara um mundo abstrato.

Houvera uma pedra é um fato.
Fora como uma rolha para o vinho.

Escrita moderna

Você que lê, relê e não entende...
Não vê que a escrita avançada
-sem vírgula, sem ponto sem mais nada-
é o produto pronto que mais vende!?

Você que sempre lê de madrugada,
que já trocou o sono por um livro,
há de entender por que eu não me livro
de colocar a coma indesejada.

É que eu devo ter algum defeito!
Quiçá um coração dentro do peito,
que bate e se repete a vida inteira.

Um coração insano, de poeta,
que faz a poesia analfabeta
e inda usa a coma, essa besteira!

Instantâneo

Estou coçando o saco (de poemas)
em pleno feriado nacional!
Dei "off" na TV e no jornal.
Assim eu resolvi os meus dilemas.

Pensei em escrever -a duras penas-
um poema de amor ou de paixão.
Quiçá um sonetinho, uma canção...
falando da garota de Ipanema;

Quiçá um poemeto sem censura,
falando dos porões da ditadura
que, enfim, arrefeceu ao novo dia.

Pensei, pensei, pensei... o que eu faço!?
Até que veio o sono e o cansaço,
e veio o sol, e foi-se a poesia.

Dependência psíquica

O meu psiquiatra me falou
que sou PMD de carteirinha.
E disse a mesma coisa pra vizinha,
e deu-me o que pra ela receitou.

O meu psiquiatra é professor,
frequenta dez congressos todo ano,
mas continua sempre receitando
um velho comprimido sem sabor.

Chamem um pai de santo, por favor!
Que não aguento mais a terapia.
Ando comendo mais do que devia,
ostento um amarelo furta-cor.

O meu psiquiatra me falou
que sofro de cruel ciclotimia,
que é possível sim, que qualquer dia
eu nem me lembre ao certo mais quem sou.

O meu psiquiatra é um doutor
com pós-graduação em terapia.
Estuda vinte horas todo dia
e foi avaliado com louvor.

Eu peço a Deus do céu, Nosso Senhor,
que mande um pai de santo da Bahia.

Soneto dispéptico

Conheço um poeta maniqueu,
que come verso e arrota poesia.
Um tipo raro de dispepsia,
que, embora rime, nunca convenceu.

Esse poeta um dia descreveu
seu mal-estar do jeito que sentia:
—Sinto uma dor, um tipo de azia,
como se a própria azia fosse eu.

Anos depois, quase na meia idade,
dormiu mais cedo, acordou mais tarde,
comeu um verso acre, requentado...

E arrotou, em forma de terceto,
do fel regurgitado no soneto,
o resto de um poema inacabado.

Olho Glauco

Pudera eu olhar pelo glaucoma
e enxergar Pedro José Ferreira
satirizando a casta brasileira,
que explode e cheira como um fecaloma,

Pudera jogar versos na lareira,
queimar meu coração em poesia
e crepitar as minhas fantasias
no fogo ardente da sua fogueira.

Pudera eu olhar pela cegueira
e enxergar, com a alma do poeta,
o mundo como fosse brincadeira.

Obrar com a flatulência do profeta
a sátira que fez como bandeira,
pra hastear humor na hora certa.

Tarjando preto

Onde andaré o meu psicotrópico?!
Já não recordo mais da prescrição.
Se era tarja preta, lembro não!
Mas li, nalgum lugar, que era tóxico.

Eu vou tomar a sobra do patrão,
pois o patrão tem algo parecido.
Coitado do patrão foi demitido
por assinar a própria demissão.

O cara tem lesão no nervo óptico
-complicação da hiperglicemia-,
sofre também de epilepsia...
recentemente ficou psicótico.

Onde andaré meu resto da libido?!
Já não me lembro mais de ter tesão.
Se tinha ou se tenho, lembro não!
Ultimamente, ando esquecido.

la sair co'a filha do patrão,
se eu achasse meu psicotrópico.
Meu analista diz que estou neurótico...
subiu a dose da medicação.

E, ainda, prescreveu-me injeção...
quase uma farmácia de insulina;
supositórios, drágeas, vitaminas,
xarope, aerossol e suspensão.

Não tomo mais o meu psicotrópico,
nem vou sair co'a filha do patrão.
Vou, isto sim, atrás dum charlatão
pra refazer o meu diagnóstico.

E, se sobreviver a ele, lógico,
vou consultar mais uma opinião.

Buceu (divido com Rosa Pena)

A mulher, que buço tinha, não tem mais!
Fez uma depilação definitiva.
Ficou falante, comunicativa...
livrou-se dos eflúvios hormonais.

Até se permitiu ser permissiva
aos ínfimos desejos naturais.
Seus abundantes sucos vaginais
passaram a competir com a saliva.

Mas, apesar de todos os sinais
de que, cada vez mais, estava viva,
teimava em se sentir defectiva,
como se lhe faltasse um algo mais.

Pois seu amante fugiu com um rapaz
sem dar-lhe uma justificativa:
Um jovem russo, de buço à moda antiga,
roubou-lhe os preceitos conjugais.

Sem borogodó (divido com Rosa Pena)

olhos castanhos de camaleão,
nariz traquino de tamanduá,
voz afinada entre sol e lá,
orelhas de quem presta atenção.

Um ar de recatada educação,
andar macio e descontraído,
cabelos, alguns anos já vividos,
cobrindo corpo e alma em comunhão.

Assim eu era quando a conheci!
Eu era um sorriso ambulante!
Um corpo esguio e aconchegante,
cheio de viço que também perdi.

Hoje, eu desafino em si e dó:
Perdi o viço e o borogodó.

O pior surdo é o que não sabe ouvir

—Quem vai querer! Quem vai querer comprar!
Liquidação, produtos Tabajaras!
Vendemos do banal a coisas raras,
sem garantia de funcionar.

—Damos de brinde almoço e jantar:
Filé miau de Jegue mal passado;
Quiba de bode que não foi capado
e está no ponto de ejacular!

O mundo ri, e chora, e resmunga...
a vida e a morte de Bussunda,
por que de fato ele morreu de rir.

Como ele disse: "Um viado é surdo".
Ainda que pareça um absurdo,
há sempre alguém que nunca vai ouvir.

Pré-texto na bundança... Ô, Rosa!

O táxi de Amério —encantado—
carrega Januária na Janela!
Também carrega as páginas singelas
que guardam um talento, bem guardado.

Amério disse-me ter revelado,
que o amanhã trará um novo dia.
E disse, por que disse, que sabia,
que o cálice de sangue foi lavado.

O seu Amério não deu o recado
para o poeta que ficou sentado
—como a chancelar tanto talento—

até que o amanhã raiou o dia...
foi-se o poeta... mas a poesia
ficou, qual roda-viva, em movimento.

Nós, os avestruzes!

Quanta sujeira! Quanta falcatrua!...
E o lixo vai pra baixo do tapete.
O povo vai servindo de enfeite,
refabricando meninos de rua.

O patrimônio que o povo cultua,
como a moral e a honestidade,
cedeu lugar pra Sua Majestade,
o capital, em que a "bolsa" atua.

Quando se fala numa boa ação,
a expectativa da maioria
é uma ação que suba dia à dia
e que não perca para a inflação.

Aonde vai parar o cidadão!?
Pra onde a política conduz!?
Seremos um eterno avestruz:
Bunda pra riba e cara pro chão.

O riso funesto do meu berimbau

Algo em mim, soteropolitano,
hoje está alegre e reluzente.
Não sei se o coração ou se a mente
mas com certeza algo muito humano.

Não sendo, por origem, um baiano,
apelo para a genealogia:
Um ascendente nato na Bahia
tingiu-me o sangue há quinhentos anos.

Algo em mim me fez mudar o plano
de escrever lirismo em poesia,
ao perceber que a morte sentencia
mais uma tirania e seu tirano.

A morte de um covarde aplaca o dano
nas vítimas de sua covardia.

Por trás da reticência

A tua reticência, a cada ponto,
contrapõe-se a um subsequente,
tornando esse ponto, tão somente,
a rima que arrima um contraponto.

E segue, reticente, como o canto
de uma rosa pra um beija-flor.
E o poeta põem-se a compor
em cada reticência, um entretanto.

Pois o poeta ao escutar um canto,
transforma esse canto em poesia.
E, reticente, mais do que devia,
força uma rima entre flor e pranto.

Quiçá quando o poema ficar pronto
a rosa não esqueça a melodia.

Púbere

E lá se ia a cutucar espinhas
co'a mesma mão que bolinava o falo;
aquela mão que já criara calo
de tanto tempo que se ia e vinha.

A mão do filho de dona Lourdinha
—mulher pudica e dissimulada—
que acaso tinha como convidada,
tia Francisca, a sua madrinha.

Sobrinho-neto de tia Francisca,
o Marcelinho, filho de Lourdinha,
por um milagre não tem mais espinha,
mas nunca foi ao dermatologista.

Francisca já não janta com Lourdinha
que pensa ter um filho onanista.

Crepúsculo de um onanista

Ele tocava na banda da escola
um instrumento de couro, qual cuíca.
No vai e vem fazia polítrica,
como se as mãos fossem colchão de mola.

Era um menino feio, bom de bola...
Não lhe chegavam olhares de desejo!
Inda me lembro... seu primeiro beijo:
Foi-lhe dado de graça como esmola.

E foi crescendo enquanto tocava,
e foi tocando enquanto crescia...
até ejacular em poesia
todas as musas que imaginava.

Não mais tocou na banda da escola;
podaram-lhe as mãos e o pensamento.
Hoje serve noviças num convento
e a cada dia mais e mais esfolo.

Endoscopia digestiva

Aquele olhar de quem enxerga tudo
foi penetrando nas minhas entranhas
e foi-me vendo com visões estranhas,
me desnudando com olhar sisudo.

Tangeu-me, sem nenhuma parcimônia,
para beber meu suco digestivo
como entrada -um aperitivo-
antes de começar a cerimônia.

Aquele olhar agudo, sem-vergonha,
olhou-me cada alça intestinal
do duodeno à ampola retal,
como quem vê uma coisa medonha.

Eu acordei como alguém que sonha
que teve um sonho abdominal.

Soneto antipoético

Eis-me! Sou um poeta em gestação.
Ando, sem rumo, como fezes n'água,
a poluir o rio em que deságua
meu arremedo de inspiração.

Dizem que eu tenho o coração
e o raciocínio dum poeta.
Dizem que sofro as dores secretas
que todos os poetas sofrerão.

Será que esses loucos têm razão!?
Serei mesmo um poeta em gestação!?
Quiçá alguém me dê uma resposta.

Enquanto aguardo, eu sigo vivendo,
pensando poesias, escrevendo...
e sempre produzindo a mesma bosta.

Flash-back de um menino malucão (divido com Rosa Pena)

Acordou com a fome doutro dia!
Na saliva um sabor de camarão;
um aperto por debaixo do calção,
reclamando que há muito não comia.

Na cozinha: Café morno, boia fria...
O sorriso duma jovem empregada,
de há muito a comida desejada...
coxas grossas animando fantasias.

Poucos beijos... tanta fome saciada...
Ventre cheio que depois lhe devolveu
muito mais do que o prato que comeu,
muito mais do que a fome aplacada.

E viveu, e reviveu na longa estrada
os prazeres e percalços dessa vida;
E passou pro outro lado da avenida
a procura de uma nova empregada.

Um novo macho

Zé Leão, caboclo macho,
foi ao proctologista:
não deixou nenhuma pista,
nem por cima nem por baixo.
Voltou, rebolando o cacho,
com um riso diferente,
marca de língua no dente,
mancha roxa no pescoço.
Diz que o doutor era moço
e que lhe deu de presente.

Hoje ele anda contente,
rindo de toda besteira,
ajeitando a cabeleira;
na orelha: um pingente.
Marca consulta urgente
inda paga adiantado.
Quer ser reexaminado,
pois diz que perdeu o medo,
e que o doutor põe dedo
pra perdoar seus pecados.

Mórula

Um espermatozoide suicida,
em dia de fecunda depressão,
morreu ao animar o embrião
que fez ressuscitá-lo para a vida.

Cresceu e teve a forma distorcida
por força da cinética mutante.
E foi-se alterando a todo instante
até tomar-se coisa definida:

A mórula, a blástula... por fim
o embrião, que em tempo, vira feto.
O milagre da vida está completo,
seja para ti, seja para mim.

O espermatozoide, agora sim,
ganha o mundo em busca de afeto.

Eu, uma sátira de mim

Deem-me uma chance -só mais uma-
de provar minha mediocridade
e provarei sem dó, nem piedade,
porque "Medíocre" é minha alcunha.

Deem-me uma chance -só mais uma-
de comprovar o quanto sou mesquinho
e provarei com o maior carinho
como se cata um piolho à unha.

Mesmo que seja a chance derradeira,
lhes mostrarei por que a vida inteira
eu tropecei no meu próprio fracasso.

Deem-me uma chance -só mais unha-
pois o piolho que cato na unha
se apropria de tudo que faço.

Soneto Cacofônico Gineco e Lógico

Levei a namorada ao ginecologista,
um médico afamado da minha cidade.
Entramos, de mãos dadas, no final da tarde
na sala de espera, com velhas revistas.

Consulta com atraso, pagamento à vista,
que é parte da rotina de quem quer ser chique.
Um copo de café pra não se dar chique,
enquanto se aguarda a hora da entrevista.

Depois de duas horas (nalgas na cadeira)
ecoa a voz suave de uma enfermeira:
-"senhora Diva Gina Berta Dias Passos!"

Silêncio sepulcral... olhares de soslaio...
Jamais esquecerei o trinta e um de maio
na sala de espera do doutor Picasso.

Sete de junho de 2012

Neste sete de junho (quinta-feira)
ainda não saí do cobertor.
Minha preguiça ri da minha dor:
a velha lombalgia costumeira.

Minha bexiga, musa derradeira,
pede um poema ao vaso sanitário.
Que seja um poeminha ordinário,
daquele que nem fede e nem cheira.

Neste sete de junho (feriado)
minha mulher ressona ao meu lado
um pouco em suspenso, ora em bemol...

E eu, pra não perder a poesia
desta manhã molhada, tarda e fria,
cerzi este poema no lençol.

Cartão de natal

Agradecido sou pelo presente,
que veio a mim nas mãos da poesia.
Segue um abraço como garantia
de que meu coração ficou contente.

Não há quem continue indiferente
ao pensamento honesto de um amigo.
Portanto, meu poeta, eu te digo
que embora entenda algo diferente

a crença que ao Natal dá fundamento
e empresta, ao teu soneto, o argumento
que acolhe o sentimento natalino.

Aceito cotejar as diferenças,
até que dia desses me convenças
abrir nos céus o shopping do divino.

A Sandice me disse

Quem foi, ó meu poeta, quem te disse
que a vã inspiração nos abandona!?
Bem sabes que ela é a bela dona,
que, fútil, nos enfeita a tolice!?

Não me espanta tanta meninice
a despencar de um homem já maduro,
pois o poeta é parte do futuro
que guarda, do passado, tal sandice.

Eu sei poeta, pois eu mesmo disse,
que se a inspiração não me sorrisse
antes do gorjear da cotovia,

eu largaria junto, sobre a mesa,
o mote de um poema e a certeza
de que farias tu, a poesia.

Brincando de poeta nos happy hours da vida

Depois de mais um dia de batente,
a lua esconde o sol da sexta-feira.
A noite, e sua sombra costumeira,
dá-me mais uma estrela de presente.

O bar recebe a noite sorridente,
como quem dá a mão a uma amante.
E eu, este poeta itinerante,
encaro a poesia frente a frente.

A garçonete ensaia um sorriso
e faz-me entender o que preciso
pra festejar o fim de mais um dia.

Eu peço uma cerveja bem gelada,
uma picanha ao ponto, ou mal passada,
e bebo, e como e arroto poesia.

Filosofice

Eterno luminar da poesia,
vive o poeta a grande odisseia
de navegar nos mares da ideia,
sem bússola, por toda a travessia.

A musa que é, do bardo, estrela guia,
reluz seu esplendor nos sete mares;
no céu, na terra, em todos os lugares,
quer seja de verdade ou utopia.

Sepulcro do talento, a arrogância
aumenta, muitas vezes, a distância
entre uma ideia posta e a criação.

Portanto, meus poetas, eu vos digo:
não haveria pão, não fosse o trigo
e um bardo que pensasse em fazer pão.

Aos literatiços e outros deuses da letra.

Quem julga que o outro tem mecônio
no cérebro, é parvo, é obtuso...
tem falha de caráter ou não faz uso
da cota hereditária de neurônios.

A inteligência, esse patrimônio
que o cérebro consome dez por cento,
às vezes faz fluir, no pensamento,
um cheiro intrigante de amônio.

Quem trata um ser humano como hiena,
há de aprender a rir, a duras penas,
da própria (magistral) ignorância.

Há de rever os vícios de nascença
(na busca do perdão pelas ofensas)
pra diluir o fel da arrogância.

"Deus é brasileiro"

E Deus criou o mundo em sete dias,
e fez do Homo sapiens um sócio,
e juntos investiram em um negócio,
que hoje se conhece por franquias.

É claro que o Pai Nosso já sabia
a fórmula secreta do sucesso,
pois espalhou por todo o universo:
o dízimo, o pecado e a homilia.

O dízimo garante dez por cento,
o pecado estimula o investimento
e a homilia sustenta o marqueteiro.

Assim, inda que pese a inflação,
dá-me a igreja e a religião,
certeza de que Deus é brasileiro.

Amor incondicional

Depois de uma noite de orgia,
o ébrio adormeceu por sobre a mesa.
Dormiu de face a face co'a despesa,
com ar de quem pagou o que bebia.

O copo ainda cheio, a mão vazia;
um toco de cigarro sem fumaça;
um guardanapo, um resto de cachaça;
vestígios de ilusão e poesia.

O bar cerrou as portas: era dia!
Clama o garção em nome da gorjeta!
E lá se foi o ébrio pra sarjeta
juntar-se à mais nobre companhia:

um velho cão de rua, que se deita
e ouve o que o amigo balbucia.

Heresiarca moderno

Eu sou meio poeta, meio gente,
metade igual, metade diferente
de todos outros seres que há no mundo.
Sou parte do primeiro e do segundo

na fila milenar da falsidade.
Eu sou de quase tudo a metade,
que vive para ser alienada.
Um pouco de poeta (quase nada)

que vez por outra tem a ousadia
de recompor o todo de uma vez.
Sou parte da ferina sensatez
que o clero batizou de heresia:

aborto que enluta a poesia,
por não levar à termo a gravidez.

Da madrugada de sábado para os boêmios de sexta.

O gelo a derreter minha tristeza
no copo de uísque... a solidão...
a derreter o resto de ilusão
que senta, frente a mim, em outra mesa.

Garrafas, sob o tom azul turquesa
do teto deste bar sem freguesia,
parecem conhecer a melodia
em que min'alma ainda vive presa.

Um bêbado, solene, anuncia
alguma coisa sóbria e esvazia
o copo que dormiu a noite inteira.

E eu olho pro gelo e vejo a lua,
que se escondeu de mim na mesma rua
em que o sol brilhou na sexta-feira.

Poeta à moda antiga

Eu sou um viciado, um drogadito,
que fuma poesia nas esquinas
e soca pó de livro nas narinas
para sentir a dor do infinito.

Eu sou um viciado, admito,
que bebe do orvalho da aurora
e sonha, até a lua ir embora,
que o sol há de nascer bem mais bonito.

Eu sou um traficante de emoções,
que vende a arte pura de Camões
nos guetos marginais da poesia.

Eu sou um meliante em extinção:
um velho Robin Wood da paixão,
do tempo em que a paixão inda existia.

Carta a um garção terapeuta.

Neste instante, dileto e bom amigo,
que o medo embriaga a esperança,
espalho versos pela vizinhança
e faço Jung rir do próprio umbigo.

Pois tento entender, mas não consigo,
sequer uma metáfora de mim.
Não sei se sou começo ou se sou fim,
se deixo o novo em busca do antigo.

Mas algo em mim me dá uma certeza.
Um dia hei de sentar àquela mesa
para brindar aos loucos e aos seus:

os músicos, poetas e outros bichos,
que teimam em manter os seus caprichos
às barbas do diabo ou de Deus.

Trauma de infância (divido com Rosa Pena)

Mamãe, se hoje estou desempregado
devo a você e sua terapia.
Quando criança, você me dizia:
"Meu filho é preciso ter cuidado"!

Não saia sem tomar a vitamina,
mesmo que você chegue atrasado.
Não seja qual seu pai, tome cuidado:
há algo perigoso em cada esquina.

Cresci vitaminado e infeliz,
pois triste é doença sem vacina.
Como dizia minha vó Tavina:
"Cada catota tem o seu nariz"!

Tome cuidado mãe, sou em quem diz:
eu vi papai comprando vaselina.